

## A IMPRESSÃO E A DECIFRAÇÃO: GEOPOÉTICA E GEOGRAFIA HUMANISTA<sup>1</sup>

*L'empreinte et le déchiffrement : géopoétique et géographie humaniste*

Bertrand Lévy<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo evidencia os pontos comuns e as diferenças das correntes geopoética e geohumanista. Ele destaca que a geopoética acompanha um modo de expressão novo (“a impressão”) enquanto a geografia humanista é essencialmente uma abordagem interpretativa (“a decifração”).

**Palavras-chave:** Geopoética. Geografia humanista. Fenomenologia. Humanismo.

### RÉSUMÉ

L'article met en évidence les points communs et les différences des courants géopoétique et géohumaniste. Il relève que la géopoétique s'accompagne d'un mode d'expression nouveau (“l'empreinte”) alors que la géographie humaniste est essentiellement une démarche interprétative (“déchiffrement”).

**Mots-clés:** Géopoétique. Géographie humaniste. Phénoménologie. Humanisme.

<sup>1</sup> Traduzido por Alessandro Dozena e Raimundo Freitas Aragão, do original em francês “L'empreinte et le déchiffrement: géopoétique et géographie humaniste”, publicado na revista “Cahiers de Géopoétique”, vol. 1, Série Colloques, p. 27-35, 1992.

<sup>2</sup> Leciona Geografia Humanista/Literária, Geografia Urbana e Ecologia, Cidade e Cultura na Europa, História e Epistemologia da Geografia, na Université de Genève (UNITEC). [blevyo157@gmail.com](mailto:blevyo157@gmail.com)

✉ 20, rue du Conseil Général - 1st floor, 1205 Genève, Suisse.

“Longe dos prados amenos da costa, o homem é empurrado em direção à onda sem flores, e é em vão que o seu pomar seja estrelado com tantas frutas douradas quanto a noite por estrelas.”  
(Holderlin, 1943)

Não identifico nem a geopoética nem a geografia humanista com algum círculo hermético que reúna as doutrinas de uma nova era poética ou metafísica, mas muito mais como o resultado de um esforço de si mesmo no sentido da abertura ao mundo, após a reflexão, o que conduz a uma impressão e leitura insuspeitas. Por “insuspeita”, não compreendo como algo radicalmente revolucionário, já que nesse caso teríamos que fazer tábua rasa da herança do passado – e eu não pertencço, creio, àqueles felizes que carregam uma tábua rasa em suas cabeças – mas me refiro ao que Gaston Bachelard chamou de “diferencial de novidade”. Tentarei iluminar esse “diferencial de novidade” que traz as duas abordagens geopoética e geohumanista nas disciplinas de onde elas proveem, a poética e a geografia.

Até recentemente, os dois movimentos se ignoravam; um sinal suplementar da compartimentação cultural. A recente publicação dos primeiros “Cahiers de Géopoétique”, bem como algumas outras publicações que floresceram sob o mesmo sol, indicaram que homens de letras estavam a caminho do continente geográfico, enquanto, ao mesmo tempo, alguns habitantes desse continente apontavam suas lunetas para o éter poético e metafísico. É por isso que, talvez, os geógrafos distraídos não tenham visto os geopoéticos desembarcarem. O essencial é que o encontro, colocado sob o duplo signo da impressão e da decifração, teria lugar, se não fosse perturbado por esquadrões de piratas à espreita.

É importante especificar os respectivos pontos de partida dos dois gêneros de exploração geopoética e geohumanista, bem como o

espírito do local que os viu nascer. Os geopoéticos partem da ideia de que o espaço poético tradicional está superlotado, que as terras de onde partem perderam sua integridade, que são afetadas pelo que Paul Valéry chamou de “cheio-demais” ou a febre da comunicação em “La Liberté de l’esprit”. É conveniente, neste universo de atenção esquartelada, de se entregar a uma geologização da linguagem e da poesia, que, à força de subir como ar superaquecido, perdeu o contato com a base da Terra. O espírito de início marca os geopoéticos, bem como uma preocupação de apuração. Eles têm consciência da finitude do mundo superintelectualizado da capital das artes e das letras; então, eles largam as amarras, não sem ter tomado o cuidado de levar consigo alguns testemunhos escritos desta civilização saturada. Os geógrafos humanistas, por seu lado, são menos ousados. Eles não deixam o continente de sua disciplina, porque a concebem como poeticamente e filosoficamente subpovoada. Eles se contentam em orientar seu alcance para o que acreditam ser uma orientação espiritual, onde cresce a luz. Eles leem nas constelações algumas reflexões de pensamento que desapareceram ou são pouco conhecidas por eles, e que levam os nomes exóticos de “fenomenologia”, de “existencialismo” ou de “concepções platônicas e kantianas de espaço” (Levy, 1989). Os geógrafos humanistas sentem a necessidade de distração, porque sua profissão, que anteriormente consistia em realizar sínteses entre natureza e cultura, entre os mundos físico e humano, algumas sínteses certamente parciais, mas que formam “um todo para o espírito” (Hesse, 1955), tenderam a se esgotar sob a influência da cultura técnico-científica.

Após cinquenta anos de um breve triunfo científico, os efeitos de uma forte cultura politécnica se fazem sentir. O homem branco perfurou as montanhas, separou os continentes, retificou as

costas, os rios, domesticou as forças e mudou a face do universo: em todos os lugares é punido por isso, e nós não rimos mais de alguns chineses antigos que sabiam que o trilho e a hélice perturbam os demônios e os irritam (Morand, 1926, p. 15).

Os geógrafos, como os geopoéticos, põem-se a escutar alguns velhos Chineses. Eles também possuem algumas referências comuns: Heidegger, Bachelard, muitos escritores dos anos 1920 que pressentiram o abismo moral e estético no qual seria arrastada a Terra mecanizada. É certo que os julgamentos emitidos contra os autores diferem, mas sempre, as mesmas obras fundadoras retornam. Uma delas, no entanto, escapou aos olhos vigilantes dos geopoéticos, “L’Homme et la Terre”, de Eric Dardel (1990), publicado originalmente em 1952, uma obra que também passou despercebida – ou em silêncio – na geografia francesa da época e que foi redescoberta na década de 1970 por alguns geógrafos humanistas anglo-saxões (Enrikin, 1976). Dardel, que se autodenominava geógrafo ao ar livre e humanista, compreendeu os desafios de uma geografia poética e existencial, a partir de Novalis (1975), que escrevera por volta de 1800 em seu “Grand répertoire général”, “Geografia poética e filosófica”. Dardel (1990, p. 2-3) define a geografia da seguinte maneira:

A geografia é, segundo a etimologia, a ‘descrição’ da Terra; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é uma **escritura** a ser decifrada, que o desenho da costa, os entalhes da montanha, as sinuosidades dos rios formam os sinais dessa escrita. O propósito do conhecimento geográfico é esclarecer esses sinais, o que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não é de início um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que surge do chão, da onda ou da floresta, um acaso ou uma recusa, um poder, uma presença.

Dardel, na tradição da hermenêutica, da interpretação dos signos da Terra, concebe uma geografia que revela, destaca, na floresta dos

signos de linguagem, alguns significados e símbolos que conectam o homem à Terra. No entanto, Dardel (1990, p. 3) vai além do estágio da decifração; ele nos ensina que, por um jogo alternado, como o da escuridão e o da luz, “a linguagem do geógrafo sem esforço se torna a do poeta”. E o geógrafo continua seu deslocamento epistemológico até a fase da transcrição do desenho de Terra: “Linguagem direta e transparente, que ‘fala’ sem esforço à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso ‘objetivo’ do cientista, já que transcreve fielmente a escrita, traçada no chão” (Dardel, 1990, p. 3).

Dardel ancora a linguagem da Terra por meio do vínculo duplo da decifração e da transcrição. Deve-se acrescentar que essa decifração e essa transcrição, esta leitura e essa escrita, não são entendidas no sentido “científico”, como pretendido pela semiologia e semiótica modernas, mas interessam a sensibilidade do geógrafo, seu talento literário, sua capacidade de restituir a emoção que corre sob a paisagem. A geopoética, no que diz respeito à mensagem de Dardel, mantém a ideia de decifração e transcrição e acrescenta a ela o gesto da impressão. O que não poderia ser mais normal, para uma arte de expressão, do que a poesia supostamente criar novas imagens, inflamar nossa imaginação e renovar nossa percepção, ao invés de deixar uma impressão inédita?

### O PROJETO HUMANISTA

A geografia humanista nasceu do desejo de romper com as barreiras escolásticas que a especialização do campo geográfico gerou nas subdisciplinas (geografia urbana, rural, econômica, política, social), sendo que a geografia humanista sempre reivindicou sua vocação de ciência e de arte de síntese entre os mundos físico e humano.

No entanto, o impulso para o seu surgimento foi, sem dúvida, uma reação bastante violenta à geografia das cifras, ao monopólio das técnicas analíticas aplicadas ao espaço, que contribuíram para moldar os espaços e mentes desta segunda metade de século. O movimento experimentou um renascimento na América do Norte, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando floresciam os “Siddharthas” e outros “Lobos das estepes”. Como lhes disse, a moda dos valores existenciais nos EUA – que não continuou, como todas as modas – coincidiu com a crise existencial pela qual esse país atravessava na época, desencantado pela Guerra do Vietnã. A contracultura decorrente da “geração de flores” defendia o retorno a uma sociedade menos técnica, menos consumista, mais idealista, e sabemos que esses ideais foram enfraquecidos até hoje, salvo algumas ilhas de resistência. Não surpreende que Hermann Hesse tenha sido um dos entusiastas, postumamente, dos movimentos da contracultura. Quarenta anos antes, ele procurara superar as dicotomias da civilização ocidental (natureza/cultura, animalidade/espiritualidade, mundo do intelecto/mundo dos sentidos, indivíduo/sociedade etc.).

A onda humanista, que nunca se tornou um maremoto, chegou à Europa em 1980, na forma de um livro-manifesto, “Humanistic Geography” (Ley; Samuels, 1978), que ancorou suas pesquisas nas filosofias existenciais e fenomenológicas, e aprofundou a relação do “eu” com o mundo. Os estudos humanistas tomaram como referência as várias correntes fenomenológicas, a fenomenologia pura ou transcendental de Husserl, a fenomenologia existencial, por vezes derivada do materialismo dialético (Sartre), e sobretudo os existencialistas inclassificáveis, como Heidegger, Jaspers, Buber, Camus ou mesmo, Kierkegaard, Chestov, Schütz... A fenomenologia existencial tentou um olhar transparente sobre um mundo opaco, ela é uma busca de significados, e também uma ética focada no

relacionamento com os seres e as coisas. Daí a importância dada à percepção do espaço, ao espaço vivido, esse elo entre eu e o mundo, local da experiência cotidiana e mística, do encontro entre “Eu” e “Tu”. É fato que o espaço existencial, uma noção central na geografia humanista, contém o eu colocado em uma perspectiva relacional. Gaston Bachelard (1969, p. II) reafirmou isso claramente:

O que me importam as flores, as árvores, o fogo e as pedras, se eu estou sem amor e sem lar? São necessários os dois – ou, pelo menos, infelizmente! É necessário ter sido os dois – para compreender um céu azul, para nomear uma aurora.

O humanismo geográfico, como toda novidade que se choca com os costumes, foi recebido de várias maneiras pela geografia acadêmica. Certamente, a tarefa da geografia humanista não é substituir a ciência, mas a de adicionar a ela uma nova dimensão, crítica, poética e moral. Apoiando-se nas filosofias e literaturas existenciais, poderemos expressar uma geografia que melhor dará conta dos elos sutis forjados entre o homem e a terra, entre a imaginação poética e sua inscrição terrestre.

O interesse por uma geopoética, que, de acordo com a formulação de Kenneth White (1989), estuda os locais antes das situações (existenciais ou outras) está próxima de uma “topo-análise” que o grande geógrafo humanista, inventor da “Topofilia”, Yi-Fu Tuan não teria negado. Concordamos normalmente acerca da importância do nosso espaço de vida e de nossa imaginação, encontrando palavras para caracterizá-los, qualificá-los (Lévy, 1991). À questão levantada por Kenneth White (1989, p. 242) de saber se é necessário “talvez sair do humanismo”, “onde sempre há indícios teológicos e platônicos”, eu prefiro não responder aqui. Estamos de fato falando do mesmo humanismo, essa palavra que apresenta uma sobrecarga semântica

tão pesada? Eu acredito que o mal-entendido sobre esse termo venha essencialmente dos diferentes pretextos e contextos de emergência da geopoética e da geografia humanista. A primeira parte é um excesso a ser podado e a segunda um vazio a ser preenchido. Em vez de insistir nos pretextos e no contexto, prefiro me ater ao texto. Uma direção, "La Route bleue" (White, 1983), que me pareceu a conclusão de uma busca geopoética.

### "LA ROUTE BLEUE". DECIFRAÇÃO

Por que nós amamos um livro? O apego a um rosto, a uma paisagem, a um objeto, provém do sonho frutado para onde ele nos leva. Tínhamos imaginado o mundo assim, e como ele nos parece, sob a nitidez da linha e a delicadeza do contorno. Coincidindo com uma realidade prevista, mas no estado de rascunho. Porque na maioria das vezes, nós vemos em dobro. A visão é esclarecida graças à magia que nos devolve a beleza do mundo. "La Route bleue", de Kenneth White (1983) me deu acesso a uma camada de realidade cada vez mais rara, na qual o espírito reoxigenado se deixa enfeitiçar. Alguns livros anualmente me proporcionam a mesma sensação. Alguns são poemas ao ar livre, outros são poemas da janela fechada, na maioria das vezes alternando os dois momentos:

Puxar o horizonte para nós  
desfraldando-o na rua como uma bandeira,  
incendiar, de seu corpo nu,  
o ar, o coração e os cantos  
e fechar as janelas para que ele não escape.  
(Juarroz, 1983, n. 13).

Um bom livro deve ter consciência de seus limites; "La Route bleue" é um livro de estrada, de itinerário, exterior e interior, mas que,

apesar de sua economia de meios, faz nascer uma centelha emotiva que nos leva a um estado translúcido. Pensei no "Siddhartha" de Hermann Hesse enquanto lia. No entanto, "Siddhartha" não é a obra de viagem por excelência de Hesse, mas um ponto em comum me impressionou: as referências a um Oriente, símbolo de luz espiritual e regeneração metafísica. Do mesmo modo que Índia está para "Siddhartha", os indianos e o norte do Canadá estão para "La Route bleue". A junção do extremo noroeste com o extremo nordeste pela passagem mítica de Bering assume aqui todo o seu valor: permitiu que uma sabedoria imemorial do Oriente passasse para a América. Apontar uma bússola nunca foi suficiente para fazer um bom livro; é necessário um conteúdo, uma força, uma mensagem. No entanto, se considerarmos este livro como o culminar de uma busca geopoética, devemos determinar o elemento dominante. Existem vários, como o frio revigorante, aquela cor azul sinônimo de alma, de gelo e consciência íntima, os grandes espaços que "envelopam" as cidades, os indígenas que mantêm uma relação primitiva e sagrada com a Terra. No entanto, para mim, o elemento chave, é a respiração. Como o rio de "Siddhartha" se refere a um arquétipo geográfico fundamental (a passagem do tempo, o espelho de Narciso, o lugar da reencarnação...), a respiração, em "La Route bleue", é o vetor da redescoberta do ser. Ela dá acesso a um nível superior de consciência do mundo e de si mesmo. O Labrador, meta da viagem, encarna um desejo de purificação interior. O livreiro reunido em Montreal anuncia isso:

E foi então que, tomado de admiração, ele disse algo que abriu o espírito, que ilumina, algo: como isso sopra!  
Essa é a baleia branca e o vento grande: o Labrador (White, 1983, p. 16).

O vento, em “La Route bleue”, não é sinônimo de raiva ou espanto (o vento sibilante, o vento da tempestade), mas de respiração “revigorante”, como escrito por Walt Whitman, citado por Gaston Bachelard (1943, p. 256). O vento, ambivalente em sua doçura ou em sua fúria, torna-se sopro no pensamento de Kenneth White, como no pensamento indiano que atribui uma grande importância para a fisiologia aérea (as técnicas respiratórias, a ioga...). Gaston Bachelard (1943, p. 269) escreveu em “L’air et les songes”: “O vento, para o mundo, a respiração, para o homem, manifesta a ‘expansão de coisas infinitas’. Eles levam consigo o ser íntimo e o fazem participar de todas as forças do universo”.

Outras metáforas espaciais se aproximam desse amor ao vento parado por nenhum obstáculo. Há por exemplo “esses fragmentos de pensamento (que) pulam na cabeça – como os reflexos do sol sobre o São Lourenço” (White, 1983, p. 20). Ou o Labrador “derramando sua brancura sobre o mundo”. No entanto, gostaria de chegar ao sentido da cidade na obra. Montreal, o ponto de partida, que já faz parte da viagem, aparece como gentilmente humana, mas o autor não se debruça sobre isso, porque sua respiração é muito curta. Em Chicoutimi, uma cidade média, dizem-nos que, se queremos encontrar uma pitada de vida hoje, é melhor ir ao museu (White, 1983). Por quê? Porque os museus se referem às representações de paisagens, de rostos, de corpos, mais legíveis, mais presentes, mais atraentes do que a maioria daqueles visíveis na rua. Isso é porque, como explica Franco Farinelli (1989) em sua magistral “Théorie de la Géographie”, a paisagem contemporânea oculta grande parte de suas formas estruturantes, que se estabelecem em redes invisíveis: é a famosa “telematização do espaço”. Nossa era é a da retirada da paisagem humana dos espaços públicos; a “grande cidade mundial”


projetada por Oswald Spengler nos anos vinte foi restaurada por uma “grande periferia mundial” interconectada e sem surpresa.

O narrador, no cais de Sept-Îles, nas margens geladas do Saint. Lawrence, em Mingan ou Schefferville, encontra-se em um mundo que ainda tem um significado. Este mundo é legível e perde sua opacidade à medida que avança em direção ao Norte, mais vivo, mais frio, mais transparente, com áreas pouco povoadas. O sentido intelectual do herói, que era tímido porque estava confuso quando deixou Montreal, ganha em acuidade. Ele discerne as realidades sociais como a violação da natureza pelas explorações de minérios, a perda de um sentido de mundo pelos Ameríndios confusos e atordoados, que veem helicópteros substituindo libélulas, tratores de esteiras suplantando a comunidade de sapos (White, 1983). A civilização industrial “destrói o espaço no qual ela pode se realizar: o espaço da solidão e do silêncio” (White, 1983, p. 165). É esse espaço existencial que eu definiria, a partir de Dardel, como o lugar de cumprimento do destino humano na Terra, no qual o narrador veio se encontrar em Labrador. Um espaço onde ainda nos permitem respirar, contemplar, meditar. É por isso que esta terra azul com a lua finamente recortada, ao sol avermelhado pelas placas de gelo, compõe não uma metáfora geográfica inteligente, mas a metáfora fundamental de um espaço repleto de clareza e de silêncio. Uma natureza sagrada pouco danificada pela máquina, um novo “paraíso terrestre” no qual os “operadores turísticos” ainda pouco investiram, ao contrário dos trópicos. Os últimos capítulos, “Ungava” e “O grande sonho acordado”, fazem-nos deixar a “pseudo-vida” que se perde em perseguições e discursos secundários (White, 1983, p. 209), para ganhar um universo de clareza suprema, de natureza místico-poética. No poema do “sonho acordado”, o mundo se apresenta, como em “Siddhartha” ao final, “despido do véu de

Maya”, para entregar apenas sua pura realidade fenomenal: “Apenas os traços azuis na neve, o voo dos gansos selvagens e as folhas vermelhas de geada” (WHITE, 1983, p. 208).

Uma experiência fundamental se esconde nas entrelinhas dessas palavras (as palavras são uma máscara) que assumem a forma do tempo. A geopoética, embora afirme o primado da geografia sobre a história, não nega a consciência temporal. O espaço, como nos românticos, adquire uma dimensão existencial através do prisma do tempo, intimamente ligado às peregrinações do eu. No *haiku*, este pequeno poema japonês que vai direto ao ponto, Kenneth White (1983, p. 145) escreve: “eles (os *haikus*) podem nos tirar um peso enorme de nossos ombros – todo aquele fardo pessoal”. O tempo é suspenso, a existência é devolvida ao vento, à chuva, ao gelo, a ela mesma. Com a emoção da angústia que esse universo branco oferece e facilmente dispensa a presença do homem. Podemos compreender que a geopoética não fala apenas de pedras, areia e flores, gelo, sol e ruínas, ela também fala dos reencontros do homem consigo mesmo. Nisso, ela é um humanismo geográfico.

Uma poesia fluida como o sopro, uma poesia como o vento e  
a folha de bordo.

(White, 1983, p. 219). 

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **L'air et les songes**. Essai sur l'imagination du mouvement. Paris: José Corti, 1943.
- BACHELARD, Gaston. Préface. In: BUBER, Martin. **Je et Tu**. Paris: Aubier Montaigne, 1969.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la terre**. Nature de la réalité géographique. Nouvelle édition présentée par Philippe Pinchemel et Jean-Marc Besse. Paris: Ed. du Comité des Travaux historiques et scientifiques, 1990.

ENTRIKIN, J.N. **Science and Humanism in Geography**. Diss. University of Wisconsin, Madison, 1975, University Microfilms, London, 1976.

FARINELLI, Franco. **Pour une théorie générale de la géographie**. Géorythmes 5 (textes rassemblés). Genève: Département de géographie de l'Université de Genève, 1989.

HESSE, Hermann. **Le Jeu des perles de verre**. Trad. de l'allemand par J. Martin. Paris: Calmann-Lévy, 1955.

HÖLDERLIN. **L'Homme**, Poèmes (« Gedichte»). Trad. de l'allemand par Geneviève Bianquis. Paris: Aubier, Montaigne, 1943.

JUARROZ, Roberto. **Neuvième poésie verticale**. Trad. de l'espagnol par Roger Munier. Paris: Brandes, 1986.

LÉVY, Bertrand. **Géographie humaniste et littérature: l'espace existentiel dans la vie et l'oeuvre de Hermann Hesse (1877-1962)**. Genève: Ed. Le Concept moderne, 1989.

LÉVY, Bertrand. **Escapades**. Lausanne: Récits, L'Aire, Coll. Le Coup de Dés, 1991.

LEY, D.; SAMUELS, M.S. (eds.). **Humanistic Geography**. «Prospects and Problems», London: Croom Helm, 1978.

MORAND, Paul. **Rien que la Terre**. Paris: Grasset, Les Cahiers Verts, 1926.

NOVALIS. **OEuvres complètes**. Trad. A. Guerne. Paris: Gallimard, 1975.

WHITE, Kenneth. **La Route bleue**. Trad. de l'anglais par Marie-Claude White. Paris: Grasset, 1983.

WHITE, Kenneth. «Vers une poétique du monde». In: Nouvelle Encyclopédie Diderot. **Comment vivre l'image**. Paris: PUF, 1989.

Submetido em Janeiro de 2023.

Aceito em Janeiro de 2023.